

TORDSILHAS



**O POMAR
DAS ALMAS
PERDIDAS**

NADIFA MOHAMED

**O POMAR
DAS ALMAS
PERDIDAS
NADIFA MOHAMED**

Tradução de
Otacílio Nunes

TORDSILHAS

Copyright © 2013 Nadifa Mohamed
Copyright da tradução © 2014/2021 Tordesilhas

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico –, nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

O texto deste livro foi fixado conforme o acordo ortográfico vigente no Brasil desde 1ª de janeiro de 2009.

EDIÇÃO UTILIZADA PARA ESTA TRADUÇÃO Nadifa Mohamed, *The Orchard of Lost Souls*, Londres, Simon & Schuster, 2013.

PREPARAÇÃO Katia Rossini

REVISÃO Bárbara Parente, Bia Nunes de Sousa

PROJETO GRÁFICO Kiko Farkas e Thiago Lacaz/Máquina Estúdio

CAPA Leticia Quintilhano

1ª edição, 2016 / 2ª edição, 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mohamed, Nadifa
O pomar das almas perdidas / Nadifa Mohamed ; tradução de Otacílio Nunes. -- 2. ed. --
São Paulo : Tordesilhas, 2021.

Título original: The orchard of lost souls
ISBN 978-65-5568-026-3

1. Ficção inglesa - Escritores africanos I. Título.

21-73274

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura africana em inglês 823
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

2021

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editorial Ltda.
Avenida Paulista, 1337, conjunto 11
01311-200 – São Paulo – SP
www.tordesilhaslivros.com.br
blog.tordesilhaslivros.com.br

Para Hooyo, Aabbo e Abtiyo Kildi.

*Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar,
sozinha, o mundo de cabeça para baixo, todas as mulheres juntas
deveriam ser capazes de virá-lo de cabeça para cima de novo.*

“Ain’t I a Woman?”, Sojourner Truth

Parte 1

Cinco da manhã. Cedo demais para comer. Quase não há luz, talvez só o suficiente para distinguir um fio escuro de um branco, mas Kawsar lava o rosto na pia do banheiro, passa um *caday* nos dentes e veste a roupa do dia sem desperdiçar querosene. Entra com cuidado na anágua e no vestido vermelho, enfia grossos braceletes âmbar acima de cada um dos cotovelos e ajeita um pesado colar de prata sobre o peito caído, depois arruma os lençóis da cama de solteiro. Termina de tomar o copo de água que está na mesa de cabeceira, sacode as sandálias de couro, para o caso de aranhas ou escorpiões terem buscado abrigo nelas à noite, e finalmente tranca a porta que leva do quarto à cozinha. Ela sabe que o dia será longo e que deve se forçar a engolir um pequeno café da manhã, mas seu estômago é um punho fechado. Com as sandálias nos pés e um xale comprido sobre os ombros, Kawsar abre a porta externa e encontra as vizinhas, Maryam English, Fadumo, Zahra e Dahabo, reunidas no pátio da casa.

– Por que demorou tanto, *saamaley!*? – pergunta Dahabo, acenando com o cantil para Kawsar.

– Estava passando óleo nos joelhos – Kawsar responde sorrindo, dando o braço à amiga de infância.

Os homens e as mulheres da Guddi, a guarda de bairro do regime, passaram a noite gritando em megafones ordens sobre que

roupa usar e onde se reunir. Todas as mulheres se vestiram com o mesmo traje tradicional, e Zahra, arrancando ramos de uma árvore *miri-miri*, entrega-os às mulheres para que os agitem no estádio – mais uma instrução dos megafones. A estreita rua de terra adiante está cheia de mulheres em vestimentas semelhantes, e atrás delas outras mais seguem languidamente. Passam pelo hotel de dezoito quartos de Umar Farey, cujas janelas e persianas estão fechadas como se o próprio prédio estivesse dormindo; nenhuma canção híndi, nem som de *kung fu*, vem do salão de vídeo de Zahra; e a loja de Raage, na esquina, é apenas uma cabana de folhas de flandres, não sua costumeira caverna de Aladim.

– Olhe como eles nos tiram da cama cedo. Nada é demais pra eles, os porcos. – Maryam English aperta a tira que prende seu bebê às costas; teve de deixar os outros dois filhos trancados em casa.

Kawsar passa a mão nas costas do bebê adormecido e deseja que ele fosse Hodan, sua filha, de volta como criança, com a chance de uma segunda vida.

– Olhe pra nós, somos a mesma mulher em idades diferentes – ri Fadumo, com a bengala oscilando à sua frente.

É verdade: elas são idênticas, só que Maryam English tem vinte e poucos anos, Zahra está na faixa dos quarenta, Dahabo e Kawsar quase chegando aos sessenta, e a pobre Fadumo é uma encurvada com mais de setenta. Parecem ilustrações de um livro didático, todas iguais nas mesmas roupas, com apenas algumas rugas no rosto ou as costas curvadas para marcar a idade. É desse jeito que o governo parece querê-las – cartuns sorridentes sem nenhuma exigência nem necessidade própria. Agora esses cartuns ganharam vida – não arando a terra, tecendo ou trabalhando em uma fábrica como nas notas de xelim, mas marchando penosamente para uma celebração a que são obrigados a comparecer.

Elas caminham pelas ruas secundárias, debaixo de um céu que aos poucos se torna mais claro, até chegar ao estádio esportivo. Os ativistas da Guddi, com braçadeiras, perguntam de qual bairro elas são e as contam quando elas entram pelo portão.

– Lá está Oodweyne nos observando – grita Dahabo, apontando para cima.

– *Psiu* – sussurra Maryam. – Eles não ouvi-la.

Kawsar olha de novo para os membros da Guddi a fim de se certificar, mas eles estão preocupados com as levas de pessoas que se espremem para cruzar o portão. As mães da revolução foram chamadas de sua cozinha, de suas tarefas, para mostrar a dignitários estrangeiros como o regime é amado, quanto elas são gratas pelo leite e pela paz que ele lhes trouxe. Ele precisa de mulheres que o façam parecer humano.

Para além do dedo apontado de Dahabo há uma pintura gigantesca do ditador pendendo sobre o estádio como um sol nascente, com raios emergindo em volta da cabeça. Os pintores tentaram suavizar aquele rosto impiedoso e desprezível, mas só conseguiram deixá-lo desequilibrado – o queixo comprido demais, o nariz muito bulboso, os olhos assimétricos. A única parte precisa é o bigode curto e aparado ao estilo daquele líder alemão.

Trabalhadores penduram apressadamente outras pinturas, um pouco menores, dos acólitos do ditador, os ministros intercambiáveis da Defesa, das Finanças e da Segurança Interna, que ocupam cargos tão instáveis que, no fim do dia, novas pinturas podem ser encomendadas. Fadumo segue à frente para as arquibancadas e as outras a acompanham, sabendo que não se sentirão confortáveis em lugar nenhum; não haverá sombra, nem descanso, nem comida pelas próximas sete horas. O ano de 1987 é de seca, e o sol da manhã se instala mais uma vez sobre um azul inflexível e sem nuvens.

Filsan não dormia há três dias. Ficara encarregada de três unidades da Guddi, e elas lhe criaram um problema atrás do outro; nem em seus pesadelos poderia ter imaginado um grupo mais intratável, ineficiente e fofoqueiro. No fim, mandou uma das unidades de volta ao campo de refugiados de Saba'ad, para treinar um grupo de crianças na dança tradicional, mas duvida que elas consigam fazer sequer isso direito. Uma das unidades está agora estacionada no portão norte do estádio, enquanto a outra reúne extraviados e retira pessoas adormecidas e entulho da rota do desfile. Os VIPs são esperados apenas para daqui a uma hora, mas o estádio parece vazio, desorganizado; a maioria dos participantes ainda vai chegar, e quando isso acontecer só Deus sabe se eles estarão em forma.

Este é o primeiro Vinte e Um de Outubro de Filsan em Hargeisa, e ele parece raquítico comparado ao que conheceu em Mogadíscio. Agora faz exatamente dezoito anos que o presidente ascendeu ao poder depois de um golpe militar, e as comemorações na capital mostram o sistema em sua melhor forma, todos trabalhando juntos para criar algo belo. O governador militar da região noroeste, general Haaruun, será o avatar do presidente em Hargeisa, e organizou o desfile militar com um sobrevoo de aviões no início e no fim do dia. A parte civil da cerimônia foi montada pela Guddi, que a está usando como desculpa para exhibir seu canto, sua dança e sua oratória de amadores.

Filsan dedilha os dentes do pente de plástico no bolso da calça e morde os lábios; olha para o palanque vazio onde o general Haaruun ficará sentado com os dignitários e se imagina no centro, não como companheira dele, mas como sua sucessora, acenando para os súditos. Suas botas estão belamente engraxadas, o uniforme

cáqui limpo e bem passado, e a boina preta na cabeça, escovada e posicionada no ângulo certo. Ela delineou os olhos discretamente com *kohl* e passou pigmento nos lábios com os dedos. Parece apenas um pouco melhor, com um toque mais feminino; resistiu a jogar esses jogos até agora, mas, se as outras soldados são notadas assim, talvez ela também possa ser.

Hargeisa, segunda maior cidade da Somália, 1987.

A ditadura militar que está no poder dá demonstrações de força e grandeza, mas o vento que sopra do deserto traz os rumores de uma revolução.

Aos 9 anos, atraída pela promessa de ganhar seu primeiro par de sapatos, a menina Deqo deixa o campo de refugiados onde nascera. Em circunstâncias dramáticas, conhece Kawsar, uma viúva confinada em sua cama após ser espancada por Filsan, uma jovem soldado que deixara a capital para reprimir a rebelião que crescia no norte. Estas três vidas distintas voltam a se cruzar em um destino impensável pouco tempo antes.

Além de contar a história de uma guerra que chocou o mundo, Nadifa Mohamed desvenda a alma e a cultura do povo somali por meio de suas três protagonistas. Intimista, singelo e poético, *O pomar das almas perdidas* nos lembra que a vida sempre continua, apesar do caos e do sofrimento.

978 65 5568 026 3



TORDESILHAS